



Ministério da  
Cultura



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**  
**CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO**  
**NORDESTE**

**JANNE BANDEIRA DE ALMEIDA SOUZA SCHLOSSER**

**CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E DA GESTÃO DE**  
**POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE**  
**LUÍS EDUARDO MAGALHÃES.**

Olinda  
2014

**JANNE BANDEIRA DE ALMEIDA SOUZA SCHLOSSER**

**CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E DA GESTÃO DE  
POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE  
LUÍS EDUARDO MAGALHÃES.**

Monografia apresentada ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural.

Orientador: Sérgio Coelho Borges Farias

Olinda  
2014

**JANNE BANDEIRA DE ALMEIDA SOUZA SCHLOSSER**

**CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E DA GESTÃO DE  
POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE  
LUÍS EDUARDO MAGALHÃES.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 27 de novembro de 2014.

**Banca examinadora**

Prof. Dr. Sérgio Coelho Borges Farias  
Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo

Msc. Hérrisson Fábio de Oliveira Dutra  
Mestre em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, também podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e coragem durante toda esta caminhada. A professora e coordenadora do curso Isaura Botelho e ao professor e coordenador do curso Paulo Miguez, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade que sempre disponibilizaram a todos.

Agradeço a todas as instituições envolvidas para o sucesso que foi este curso, Universidade Federal da Bahia, Ministério da Cultura, Fundação Joaquim Nabuco, como também, não poderia deixar de agradecer a SECULT, a Prefeitura Municipal de Luís Eduardo Magalhães e a equipe da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo do município que oportunizaram a realização desse importantíssimo curso para a formação dos gestores de cultura. Estendo também, os meus agradecimentos aos pioneiros que contribuíram com suas informações e conhecimentos para realização deste trabalho.

O professor-Orientador Sérgio Coelho Borges Farias, pela grande capacidade de transmitir o seu conhecimento, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Agradeço a todos os professores que participaram desta formação, proporcionando não somente o conhecimento que obtive no decorrer do curso, de formação de gestores culturais.

Meus agradecimentos aos colegas, companheiros do curso, que fizeram parte desta minha formação e que irão continuar presentes em minha vida.

Ao meu esposo Valdecir Eberlein Schlosser, que de maneira especial e carinhosa me deu força, me apoiando nos momentos de dificuldades, quero agradecer aos meus três filhos, Rhuan, Amanda e Giovana, pois de maneira especial me apoiarão e me incentivarão a buscar mais conhecimentos e nunca desistir.

De maneira grata e grandiosa agradecer aos meus pais José de Souza e Lucinda, a quem eu rogo todas as noites a minha existência.

## APRESENTAÇÃO

O trabalho apresentado intitulado “Características históricas e da gestão de políticas públicas do município de Luís Eduardo Magalhães”, tem como objetivo resgatar memórias históricas e culturais da emancipação do município com a chegada dos imigrantes sulistas e posteriormente os nordestinos.

Um pequeno povoado, que teve os nomes de Buriti da Palha Mole, Entroncamento, Fazenda Marabá, Fazenda Mimoso, Rancho Grande e Mimoso do Oeste, foi emancipado de Barreiras e recebeu posteriormente o nome de Luís Eduardo Magalhães, situado no estado da Bahia, foi criado no início da década de 1980, basicamente por migrantes oriundos do Sul do país e ao lado dos baianos que ali habitavam.

LEM, como é conhecido tem sua economia centrada na agricultura, destacando-se na produção de grãos como soja, milho e o algodão.

Na sua formação o município preserva traços culturais dos estados sulinos, embora o contato com outras pessoas de outras regiões do país começa a estar presente no dia a dia do município, suas identidades são formadas por culturas ricas e diferenciadas, que se encontraram no final dos anos setenta, nas terras planas e improdutivas dos Gerais, no oeste da Bahia, reunidos por pessoas portadores de uma mesma esperança, a de crescer e vencer.

Em Luís Eduardo Magalhães, gaúchos, catarinenses, paranaenses, paulistas, goianos e baianos plantaram suas lavouras e juntos colheram riqueza, o que fez progredir o antigo e pequeno povoado de Mimoso do Oeste, que cresceu ao redor de um posto de combustível. Hoje, ele se transformou em pujante município, “o que mais cresce no país”, conhecido como “a capital do agronegócio”, trazendo o desenvolvimento para a região, como também problemas de desigualdade social, como fruto de sua má distribuição de renda, afetando também o lado cultural em desenvolvimento.

Para a UNESCO, não é só de aspectos físicos que se constitui a cultura de um povo. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos sabores da culinária, nas línguas, nas festas e em manifestações artísticas, transmitido de forma oral ou gestual, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo.

O patrimônio cultural de uma sociedade é considerado um elemento importantíssimo para sua própria sobrevivência e deve ser protegido pelas pessoas que dela fazem parte. Para tanto o conhecimento de sua história é primordial. Uma sociedade que não conhece, não preserva e nem valoriza seu patrimônio cultural estará fatalmente fadada a enfraquecer.

Urge que se aprenda a olhar para toda a riqueza do patrimônio imaterial como um bem que exalta o valor de cada cultura.

Através deste estudo é possível oferecer a nossa modesta contribuição para manter vivo o sonho de incorporar a diversidade dos “muitos brasis” aqui encontrados na diversidade regional de norte a sul, numa intensa busca por essa “alma de Brasileiro”. (ANDRADE 2010).

A Cultura apresenta se como um recurso para promover a inclusão social, para requalificar centros urbanos, estimulando o crescimento econômico, enfim, para ativar políticas que se ocupam do desenvolvimento. É neste sentido que são apresentados aqui elementos para a composição de uma política cultural para o município de Luis Eduardo Magalhães.

## **Lista de Abreviaturas**

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias  
LEM – Luís Eduardo Magalhães  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para Ciência, Educação e Cultura.  
CTG - Centro de Tradições Gaúchas  
FELEM - Feira de Empreendedores de Luís Eduardo Magalhães  
CEUs - Centro de Artes e Esportes Unificados  
SUDENE –Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste  
CARIG - Colonizadora e Administradora Vale do Rio Grande  
PT - Partido dos Trabalhadores  
ADI - Ação Direta de Inconstitucionalidade  
ACELEM – Associação Comercial e Empresarial de Luis Eduardo Magalhães  
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
UFBA - Universidade Federal da Bahia.  
FBVV - Federação Brasileira de Vôo a Vela.  
SMCT – Secretaria de Cultura e Turismo.  
UMOB - União dos Municípios do Oeste da Bahia.  
PNC – Plano Nacional de Cultura  
SNC – Sistema Nacional de Cultura  
PDU – Plano Diretor Urbano  
SME - Secretaria Municipal de Educação



## **Lista de Figuras**

Figura 1- Loteamento Rancho Grande.

Figura 2- Casa e boteco de Enedino Alves da Paixão.

Figura 3- Primeira caixa d água posto mimoso.

Figura 4- Primeiro Galpão da AMMO.

Figura 5- Município de Luís Eduardo Magalhães.

Figura 6- Retrôfolia 2014.

Figura 7- Aniversário de emancipação política de LEM.

Figura 8- São João do Santa Cruz 2014.

Figura 9- Festival Gastronômico 2014.

Figura 10- Teatro na praça.

Figura 11- Igreja Nossa Senhora Aparecida - 1991.

Figura 12- Primeira sede CTG.

**SCHLOSSER, Janne. CARACTERISTICAS HISTORICAS E DA GESTAO DE POLITICAS PUBLICAS DE CULTURA DO MUNICIPIO DE LUIS EDUARDO MAGALHAES. (39 folhas) p. il. 2014. Monografia (Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.**

## **RESUMO**

A história cultural permite a aproximação de fatores culturais, manifestações através de práticas e representações através da diversidade cultural existente no município de Luís Eduardo Magalhães. O presente estudo partiu de uma breve reconstituição histórica e cultural, da diversidade encontrada no município, buscando promover discussões para possíveis intervenções no desenvolvimento de políticas públicas que venham a fortalecer a cultura local e aperfeiçoamento das práticas de gestão já aplicadas pelo poder público. Foram realizadas entrevistas com a população local, agentes responsáveis pela formação cultural do município, que forneceram subsídios para elaboração da proposta.

**Palavras-chave:** Gestão Cultural, Políticas Públicas, Desenvolvimento, Cultura, LEM

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b>	13
2.	<b>FUNDAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DA CULTURA DO MUNICÍPIO</b>	15
2.1.	Pesquisando a História	17
3.	<b>ASPECTOS CULTURAIS.</b>	24
4.	<b>PESQUISANDO A REALIDADE</b>	25
5.	<b>O MUNICÍPIO QUE MAIS CRESCE</b>	27
5.1.	A diversidade de manifestações e atividades culturais	28
5.1.1.	Retrôfolia	29
5.1.2.	Aniversário da cidade	29
5.1.3.	Paixão de Cristo	30
5.1.4.	Felem	30
5.1.5.	São João do Santa Cruz	30
5.1.6.	São Pedro	31
5.1.7.	Festival de Gastronomia e Cultura do Oeste da Bahia	31
5.1.8.	Etapa final do Campeonato Nacional de Planadores	32
5.1.9.	Cultura viva na praça	33
5.1.10.	Encontro Regional de Cultura do Oeste Da Bahia	33
5.1.11.	Natal Iluminado	34
5.1.12.	Réveillon	34
5.1.13.	Festa da Colheita	34
6.	<b>SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO</b>	35
7.	<b>REFERENCIAS PARA A CULTURA DO MUNICÍPIO</b>	37
7.1	<b>Espaços e Grupos culturais existentes no município.</b>	38
7.2	Existência de informações / banco de dados e ou diagnóstico cultural local.	39
7.3	Situação da capacitação e competência de agentes culturais, artistas, produtores e gestores culturais.	39
7.4.	Meios de comunicação para divulgação da cultura local.	40

8.	<b>GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM LUÍS EDUARDO MAGALHÃES, BAHIA</b>	40
8.1.	Fomento e financiamento da cultura local	41
8.2	Implantação do Plano Municipal de Cultura de LEM.	42
8.3	Desdobramentos no Território de Identidade Bacia do Rio Grande	42
9.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	44
10.	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	48

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho monográfico aqui apresentado, com o título: “Características históricas e da gestão de políticas públicas de cultura do município de Luís Eduardo Magalhães”, tem como objetivo caracterizar a formação e as manifestações históricas e culturais do município.

Está pautado na origem da formação histórica do município. Dessa forma a metodologia deste trabalho se deu em torno de leituras de livros, artigos, teses e revistas, relacionados à temática. Foram realizadas coletas de dados em órgãos do governo estadual e federal, e em associações, bem como, saídas a campo para a realização de entrevistas, na forma de gravações de depoimentos livres de migrantes, historiadores, moradores nativos mais antigos, dentre outros, com o intuito de fazer com que os entrevistados se sentissem a vontade ao relembrar suas histórias, seus princípios e contribuições na construção da história da comunidade estudada.

Os conceitos apresentados para o desenvolvimento deste trabalho iniciam-se com a exposição sintetizada das idéias que norteiam os pressupostos da história cultural, não se tratando apenas de mostrar a formação histórica cultural do município de Luís Eduardo Magalhães e sua realidade atual, e sim, buscar a construção de uma visão de gestão que contemple a cultura em sua diversidade, oferecendo ao gestor público indicadores da situação cultural do município podendo orientá-lo na implantação de políticas públicas que contemplem os vários segmentos da cultura local em seu desenvolvimento.

Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar, sentir, construir valores, identidades e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações diversas, pequenos mundos de sentido, que lhe permitem uma relativa estabilidade. Assim a cultura fornece aos indivíduos aquilo que é chamado por Michel de Certeau, de “equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários”.

Os fatores que presidem a construção desse universo protegido podem ser determinados pelas origens regionais de cada um, em função de interesses profissionais, econômicos, esportivos, culturais, de sexo, origens étnicas, geração e etc. Para que a cultura passe a ter um caráter político, é preciso que fundamentalmente haja uma reorganização das estruturas sociais e uma distribuição de recursos econômicos.

Chama-se a atenção ainda para um aspecto de ordem estrutural, se é possível afirmar que a cultura do ponto de vista antropológico é a expressão das relações que cada indivíduo estabelece com seu universo mais próximo, em termos de uma política pública, ela solicita, por sua própria natureza, uma ação privilegiadamente municipal.

Ou seja, a ação sociocultural é, em sua essência, a ação que tem no município a instância administrativa mais próxima do fazer cultural. Embora esta ação deva ser preocupação das políticas de todas as esferas administrativas, esse distanciamento que o Estado e a Federação têm da vida efetiva do cidadão, dificulta suas ações diretas.

Além disso, não se pode esquecer que a área da cultura tende a ser vista como acessória no conjunto das políticas governamentais, qualquer que seja a instância administrativa.

Quase sempre são os militantes da área cultural (criadores, produtores, gestores, etc.) os únicos a defender a idéia de que a cultura perpassa obrigatoriamente todos os aspectos da vida da sociedade, e de que, sem ela, os planos de desenvolvimento sempre serão incompletos, e como alguns defendem fadados ao insucesso.

Por tais razões, a intervenção nesse universo privado, em que cada indivíduo constrói e regula suas relações com o mundo, só pode se dar, quando este pressuposto for incorporado por todas as áreas e instâncias administrativas de governo, condição para que os planos de desenvolvimento possam efetivamente levar em conta a dimensão cultural.

Pretende-se desenhar aqui, o contexto sociocultural no qual o município de Luís Eduardo Magalhães está inserido, bem como descrever e analisar o quadro de desenvolvimento de políticas públicas de cultura do município, para que seja possível construir propostas de atuação na gestão pública, propondo ações que venham contribuir com o desenvolvimento de sua cultura levando em consideração a diversidade cultural local, com suas potencialidades e fragilidades.

## 2. FUNDAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DA CULTURA DO MUNICÍPIO

O termo *cultura* costumava se referir às artes e às ciências. Depois foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular, e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)...

Edward Tylor, em 1971 (apud BURKE, 2005), usa uma definição de cultura tomada em seu sentido etnográfico amplo, como o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outros hábitos e aptidões do homem como membro da sociedade.

Segundo Burke (2005) a história cultural não é uma descoberta ou invenção, já era praticada na Alemanha há mais de 200 anos. Antes disso havia histórias separadas da filosofia, pintura, literatura, química, linguagem e assim por diante. A partir de 1780, já é possível encontrar escritos sobre histórias da cultura humana ou de determinadas regiões ou nações.

Conforme Burke (2005), os historiadores culturais e outros cientistas se apropriaram dessa noção antropológica na última geração, a era da “antropologia histórica” e da “nova história cultural”. Esses movimentos gêmeos levavam os historiadores a trabalhar com noções de antropólogos como Marcel Mauss, Edwarde Evans-Pritchard, Mary Douglas, Clifford Geertz e Claude Lévi- Struss.

Lévi-Struss (apud BURKE, 2005) aprendeu com os lingüistas a estudar as relações entre os elementos do sistema cultural ou social, focalizando, em particular as oposições binárias – alto e baixo claro e escuro, cru e cozido, e assim por diante. A história passou a absorver os pontos de vista do estruturalismo ou da semiótica.

Para La Capra (apud BELOTTI, 2005), apesar de nossas limitações, enquanto investigadores do passado, não devemos descuidar nem dos questionamentos teóricos, nem das evidências que ajudam a constituir o relato histórico.

Outro ponto importante da história cultural é o papel da linguagem num reconhecimento de que os documentos históricos não são uma transparência de dados informativos sobre uma realidade concreta, mas sim, textos a serem lidos, o que faz da história um discurso e não um relato de uma verdade histórica.

Conforme Michel de Certeau (2000), ainda que isso seja uma redundância, é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja, pela análise de documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente. Com efeito, tanto uma quanto a outra se organizam em função de problemáticas impostas por uma situação.

Portanto, ao analisarmos os depoimentos dos moradores, os questionários e, sobretudo as entrevistas gravadas, é preciso estar atentos na compreensão dos impactos causados no decorrer da formação e do desenvolvimento da cultura local, como por exemplo, na ocupação do bairro Santa Cruz, denominado no início de sua formação de Iraque, por moradores em sua maioria de baixa renda, e que no início fornecia a base da mão de obra para os fazendeiros sulistas.

Assim, ao identificar as divisões geográficas, históricas, econômicas, sociais e culturais com o objeto em estudo que é a formação histórica e cultural do município, poderemos pensar em ações de intervenção que contemple a cultura do município em sua diversidade.

Os *estabelecidos* e os *outsiders* de NORBERT ELIAS é um estudo sobre uma pequena comunidade que tinha por núcleos os bairros relativamente antigos e ao redor deles, duas povoações formadas em época mais recente, com gente de fora, e por essa razão, sem direitos de plena cidadania na vida local. A imagem que os bairros mais antigos tinham dos mais recentes era que seu índice de delinquência eram mais elevados. Os bairros mais antigos continuaram a estigmatizá-lo como uma área que a delinquência grassava.

Os conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meio de estigmatização podem variar, conforme as características sociais e as tradições de cada grupo. Em muitos casos os conceitos, não tem nenhum sentido fora do contexto específico em que são empregados, mas, apesar disso, ferem profundamente os *outsiders*, porque os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior de seus inferiores sociais.

É, portanto, uma articulação entre estrutura cultural e estrutura social que é necessário construir sem aí projetar quer a imagem do espelho, que faz de uma o reflexo da outra, quer da engrenagem, que consiste cada instancia como um dos maquinismos do sistema, repercutindo todos eles em movimento primordial que afeta o primeiro anel da cadeia (CHARTIER, 2002, p.22).

Para Ricouer (1988), a história é uma espécie de narrativa que se refere às ações dos homens no passado. Existem os historiadores que defendem que o método histórico se refere a ações humanas regidas por intenções, por motivos, e que, por isso, é necessário *compreender* as intenções. Assim, essa compreensão, diferente do conhecimento objetivo das ciências da natureza, não é possível sem uma auto-explicação do próprio historiador, da sua subjetividade. É essa a posição do *compreender* na teoria da história.



## 2.1. Pesquisando a História

O cerrado baiano, chamado de Gerais, é cobiçado pela sua vocação agrícola, principalmente pelo surpreendente sucesso conquistado com a cultura da soja e posteriormente a cultura do algodão.

“Quando cheguei à região juntamente com a minha família, Marlene e Iara em 29 de junho de 1980, só havia o boteco do Negão, o que tinha para vender era muito caro. Vim com o objetivo de cultivar a agricultura, pois as terras aqui eram planas. Na época não pretendia colher mais que 20 sacos por hectares, plantei 50 hectares de variedade da soja FT Cristalina e a variedade Tropical, as terras aqui não eram corrigidas, mas mesmo assim ainda colhemos 11 hectares de soja. Aqui encontrei muitos problemas, o maior deles o seqüestro do meu filho, nascido aqui, um legítimo baiano, com apenas sete anos de vida e que hoje não se encontra mais no meio de nos.

Dificuldades eram muitas, pois faltava praticamente tudo, desde o fermento para o pão, a farinha, a água e a energia, tudo tinha que vir de fora, principalmente da cidade de Barreiras. Minha esposa Marlene realizava todos os serviços domésticos e ainda ajudava com a lavoura, no sul éramos acostumados ao conforto, e aqui encontramos todo tipo de dificuldade.

O tempo livre, quando tinha, ia jogar futebol com a turma das outras fazendas, inclusive com a participação dos peões das fazendas. Lembro-me de uma disputa entre participantes de Mimoso e Barreiras, quando os recebi em minha casa, pensei, vou tacar uísque e churrasco nesses cabras pensando em enfraquecê-los, mas foi o contrário no final da tarde na hora do jogo eles estavam mais fortes, e ganharam o título naquele dia.

“Hoje, o que sustenta o município é a união de sua gente, mas em tempos atrás vi escritos em paredes “fora daqui grileiros” (Alcides Trento, entrevista escrita em outubro de 2014)”.

Em 1979, a região era tomada pelo cerrado primitivo, salvo as casas de alguns posseiros, o boteco do baiano Enedino Alves da Paixão (Negão), que servia de descanso para os caçadores e a população brejeira, que ia a Barreiras para fazer o rancho, buscar socorro em caso de doença (JUNGES- 2004 p. 80) e as fazendas do alemão Hans Joachim Weprajetsky e do gaúcho Florentino Copette.



Residência de Enedino Alves da Paixão, a primeira casa construída na sede do atual município, derrubada em 2000 (Celso Polina).



Loteamento Rancho Grande em 1984.

A partir da década de 1980, foram chegando os imigrantes, especialmente do Sul e Nordeste do Brasil.

Conforme Souza (1980), migrante é aquele indivíduo, de qualquer classe social que abandona o seu município de origem para fixar residência em outro. O autor define migração interna como um processo de mudanças estruturais de determinadas partes, que provocam o deslocamento horizontal de pessoas que por diversas razões se envolvem neste movimento. Souza, afirma ainda, que o processo migratório está ligado à formação ou expansão de mercado. A este mercado que os atrai concorrendo com capitais a investir, com habilidades técnicas ou educacionais ou apenas com a sua força de trabalho. O que importa neste processo, não é somente a quantidade de pessoas que se deslocam, mas, sobretudo, o impacto que elas causam nas regiões receptoras, onde podem atuar como fator de mudanças sociais e econômicas.

Como toda identidade social, tanto a identidade regional nordestina quanto a gaúcha devem ser vistas sempre muito mais como processos de identificação em curso, ativados de acordo com os grupos/classes sociais e as circunstâncias econômicas, políticas e/ou culturais, mutáveis historicamente geralmente fortalecidas em períodos de crise econômica e, no caso em estudo, pelo confronto direto com outro grupo identitário do que como identidades de limites e características bem definidos, “naturalmente” dadas. Elas são múltiplas também em seu caráter geográfico, pois a identidade “nordestina” é um produto histórico forjado no decorrer deste século, sobre a figura do sertanejo do interior semi-árido, com o qual muitos dos habitantes do litoral não se identificam, além das inúmeras distinções estabelecidas, por exemplo, entre o baiano, o pernambucano, o paraibano e o cearense, este último visto no oeste baiano como “nortista”.

No Sul, o gaúcho tem suas origens na figura do estancieiro e do “peão de estância” dos latifúndios de pecuária extensiva da Campanha ou Pampa sul-rio-grandense, onde hoje é um personagem claramente minoritário, mas que, por um curioso processo social de transposição geográfica, teve sua identidade levada para os centros urbanos, especialmente através dos CTG- Centros de Tradições Gaúchas, que reproduzem práticas vinculadas à estância latifundiária, com seus “galpões”, “invernadas” artísticas, “prendas” e “patrões”. Assim como a cultura nordestina, que começou tendo como espaço de referência identitária o espaço do engenho de cana-de-açúcar da Zona da Mata litorânea, que hoje volta a ser valorizada via telenovelas e o turismo, foi depois transposta para o Sertão semi-árido e daí, simbolicamente, para todos os estados do Nordeste, tal como definido por órgãos oficiais como a SUDENE e o IBGE, a identidade gaúcha passou da região da Campanha para todo o estado do Rio Grande do Sul dos “pêlos-duros” descendentes de portugueses para os descendentes de italianos e alemães e daí, junto com as correntes migratórias, para todo descendente de “sulista” no interior do Brasil embora muitos façam questão de destacar que são paranaenses e catarinenses, deixando a qualificação de gaúchos apenas para os habitantes do Rio Grande do Sul. Primeiro os de sulistas que a partir de 1970 se fixaram na região, principalmente nas mediações de Barreiras, município que recebeu maior parte das ações governamentais. Os sulistas, com destaque para os gaúchos, foram os principais empreendedores na região, e possuem a maior quantidade de propriedades rurais mecanizadas. O segundo fluxo migratório é de nordestinos, a maioria baianos provenientes da região de Irecê que inebriados pelo Novo Nordeste, rotulado de “Eldorado” da soja, migraram para a região em busca de melhores oportunidades de trabalho. A fixação destes dois grupos regionais distintos contribuiu de certa forma para acentuar as desigualdades sociais na região.

O que era antes um espaço sem expressão econômica que possuía como principais atividades a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, com núcleos urbanos pouco povoados, adaptados para atender apenas as necessidades locais de uma população basicamente de sertanejos nativos da região. Tornou-se em poucas décadas, um espaço de produção essencialmente capitalista, com importantes centros urbanos com a função de garantir a produção de grandes áreas produtoras de grãos, principalmente a soja, produto jamais produzido antes em terras baianas.

As técnicas rudimentares características das atividades econômicas tradicionais foram substituídas por técnicas modernas sustentadas por um potente aparato científico e tecnológico.

“Cheguei à região em 1983, comprei a fazenda, mas continuei com escritório no Sul. Em 1985 vim em definitivo para a região em um corcel trazendo a minha família, meu terceiro filho tinha apenas um mês de vida.

Aqui vim com o objetivo de fazer um pé de meia, cheguei ao posto que era um galpão coberto com uma lona preta para almoçar. Na cruzada da fazenda do Hans Joachim Weprajetsky vi um gado bonito e então pensei, fiz um bom negócio em comprar terras neste lugar, além disso vi um pé de milho nascido em um monte de areia, daí eu pensei, nesse solo poderia nascer uma plantação, porém a diária de hotel na região equivalia a um hectare de terra, isso me encabulou.

Dificuldades encontradas aqui foram muitas, o que mais me preocupava era a saúde, pois não havia recurso imediato, a educação dos meus filhos era outro ponto que me preocupava, pois pensava no futuro das crianças, e o que fazer para entreter essas crianças, íamos aos rios em Barreiras, e como eu gostava muito de dançar, fui convidado para o baile no Clube ABCD, em Barreiras, só havia eu, a Sônia minha esposa e mais um amigo que éramos gaúchos, do meu lado havia uma mesa com um Senhor Baiano, que na hora inventou um concurso de forro, participei e fiquei em segundo lugar, segundo o baiano eu só não ganhei por que não era baiano, vejo as danças mais parecidas que são o forro e as danças gaúchas.

Pensei então em criar uma opção de diversão sadia para os meus filhos, quando fundei o CTG (Centro de Tradições Gauchas) em 1990, houve muitos confrontos de idéias, mas houve também muitas doações para que o CTG viesse a existir. O seu primeiro baile foi uma grande festa com o conjunto da cidade de Goiânia, chamado de Terrinha, foram dois dias de festa, 19 e 20 de setembro. A gauchada encheu o local e todos foram piuchados, pois não podia dançar no salão quem não estivesse de piucha.

Hoje, nos superamos, nem nos acreditamos, pois tudo era muito pobre. Com o intuito de caçar colocavam fogo no início da estrada, às vezes duravam até uma semana esperando a caca no final da queimada.

Ainda tenho um sonho, de mudar o nome do município, voltando a ser Mimoso do Oeste, ”o mimoso é a origem e principalmente, Luís Eduardo Magalhães morreu contra o município”.

“Os bois não sabem que podem levar a cerca, e assim é a sociedade”.

“Estamos no oeste, também pela acolhida do povo baiano” (João Kuffel, primeiro patrão eleito do CTG, entrevista escrita em outubro de 2014”).

A atividade econômica, baseada na agricultura, permeada pelas heranças culturais dos migrantes que a formaram e nela vivem ou viveram somadas as determinações geográficas do local, foram moldando o perfil deste povoado ao longo de trinta e quatro anos. Um pedacinho de chão do Brasil carregado de influências da ação humana na ocupação do território.

Localizada no entroncamento entre as BR-020 (Barreiras - Brasília) e BR-242 (Barreiras – Salvador), Luís Eduardo Magalhães está justamente, entre as duas BRs que ligam a Região Oeste à capital do país e a capital do estado, respectivamente. Sua distância com relação a Brasília é de 540 km e correlação a Salvador é de 995 km. Sua localização geográfica foi o que potencializou o seu surgimento e desempenho econômico, tornando-se o

principal alvo do fluxo migratório direcionado a esta região. O evento que proporcionou a origem da cidade foi à instalação do posto de gasolina Mimoso, em 1982, no km 90 da BR 020, Arnaldo Horacio Ferreira adquiriu, em agosto de 1979, a área de terra que ia da nascente do Rio Cabeceira de Pedras ate o então Posto Sertanejo, atual Posto Porto Brasil, onde estava inserida a Fazenda Mimosa, fazendo referência à distância do posto de gasolina a Barreiras. Foi, justamente, este empreendimento que acabou dando início à ocupação territorial daquela área. Devido ao fluxo sempre constante de veículos, por causa do dinamismo econômico proporcionado pelo cultivo de grãos, o posto foi ampliando as suas prestações de serviços, passando a comercializar mercadorias. Logo, o lugar despertou o interesse da empresa de colonização CARIG (Colonizadora e Administradora Vale do Rio Grande) que criou próximo ao posto de gasolina em 1984 o loteamento Rancho Grande. Os primeiros habitantes deste loteamento eram produtores agrícolas gaúchos, descendentes de alemães e italianos que vieram para a região com o intuito de cultivar a soja.



Primeira caixa d'água do posto Mimoso, de Arnaldo Horácio Ferreira em 1982.

Rapidamente o loteamento Rancho Grande ampliou as suas dimensões ganhando status de povoado. Em 1996, o povoado de Mimoso do Oeste, já possuía características de cidade, com quase 10.000 habitantes, a sede da CEVAL (maior indústria da região), e três agências bancárias. Contudo, o povoado só ganhou o título de distrito em 1997, através do projeto de Lei Nº 034 de 08 de outubro. Graças às pressões exercidas pela população, lideradas pela Associação dos Moradores de Mimoso do Oeste (AMMO). Outro acontecimento importante foi à alteração do nome do distrito de Mimoso do Oeste para Luís Eduardo Magalhães. A mudança do nome do distrito foi uma homenagem póstuma ao deputado federal falecido em 22 de abril de 1998.



Antigo barracão de palha da AMMO, (que foi queimado criminosamente), novembro de 1989. (Luis Hashimoto).

Em 30 de março de 2000, o distrito de Luís Eduardo Magalhães, através da Lei Nº 7.619, consegue a sua emancipação, tornando-se o mais novo município criado na da Bahia naquele ano. Este ato foi, durante muito tempo, motivo de grandes polêmicas, levando o Partido dos Trabalhadores (PT) a mover a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº. 2.240 contra o processo de emancipação deste município. Mesmo, diante destas questões de inconstitucionalidade o fato é que o município foi emancipado. Possui quatorze anos de existência, gozando de autonomia política, administrativa e financeira, prevista pela Constituição Federal de 1988.

A vinda dos disciplinadores agricultores sulistas, que chegaram à região a partir de 1980, dirigindo seus velhos carros, trazendo caminhões e tratores, mudou este quadro gerando riqueza. Apesar de experientes e calejados, os sulistas não esperavam que as dificuldades fossem tantas. Elas foram do mesmo tamanho das vitórias que vieram depois de poucos anos, após desmatar o cerrado, corrigir a terra pobre com toneladas de calcário, fosfato e micronutrientes, semeá-la e esperar a colheita, rezando para chover na época certa.

Na safra de 1979/80, a área de plantio da região oeste da Bahia era de 19 000 hectares e a produção não passou de 2,2 toneladas. Já entre 1983 e 1987, quando foram introduzidos os pivôs centrais, a área de plantio cresceu para 170 000 hectares e a produção chegou a 144,5 toneladas, sem parar mais de crescer.

Em pouco mais de duas décadas, graças à vitória conquistada, os sulistas incorporaram o oeste do Estado à economia baiana, plantando nesse período mais de um milhão de hectares, onde são colhidos quase cinco milhões de toneladas de soja, milho, café, algodão, arroz, feijão e frutas. Isso tornou a região um novo celeiro de grãos e fez com que ela se destacasse no cenário nacional.

Todo este progresso, conquistado com muito trabalho, se deve a três fatores preponderantes: o respaldo do estudo do solo do Cerrado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA); o crédito rural concedido pelo Banco do Brasil através do gerente Pedro Guedes; e a vinda da energia elétrica, que só chegou ao então povoado de Mimoso do Oeste por causa da instalação da Ceval Alimentos do Nordeste LTDA.

Hoje, os primeiros e duros tempos sem redes de água e energia, sem estradas e comunicação, quando não sabiam se a terra lhes seria mãe generosa ou madrasta, são lembrados com saudade e orgulho pelos heróis e heroínas que desbravaram com sucesso o cerrado primitivo e infértil. E, entre um chimarrão e outro, eles pretendem continuar trabalhando e gerando ainda mais riqueza.

“Cheguei à região em maio de 1986, vim primeiro e só em março de 1988 é que trouxe a família, retornando ao sul a cada dois meses. Encontramos muitas dificuldades, fui chamado de louco pelos parentes que deixei no sul, hoje quando vou a passeio, vou de avião, e sou visto por lar como alguém que se deu bem na vida. No lugar não havia nada, somente o boteco do negão, considerado o primeiro morador da região, vendia gasolina no galão e tinha a função de matar emas para vender as penas para as escolas de samba do Rio de Janeiro e servia a carne da ema no almoço para os que ali parassem.

Vim para o lugar com o objetivo de trazer a minha oficina mecânica do sul, percebi que aqui havia espaço para o negócio. Posteriormente comecei a vender cimento, tinha o objetivo de construir um depósito, ganhei muito dinheiro na época. Aqui tive muitas oportunidades, pois quando cheguei havia no mínimo dez casas e o posto de combustível era debaixo de uma árvore com quatro bombas. Trabalhamos muito, pois havia muito serviço, o sábado emendava com o domingo e a segunda-feira, às vezes trabalhava até para esquecer... Quando sobrava um tempo batia uma bola e nos encontrávamos na AMMO.

No começo quando cheguei sulistas só podiam se relacionar com sulistas e percebia conflitos entre as duas culturas, gaúchos e nordestinos. Hoje estamos muito misturados, tem ainda gente que não gosta de gaúcho, existe uma restrição com a vinda dos gaúchos para o lugar.

Fui um dos membros fundador da associação, que junto com os poucos moradores que tinha nos unimos para montar uma associação e assim ver se traziam o poder público para o nosso lado. Logo depois a associação já contava com 47 membros. As festas eram feitas na época na associação AMMO (associação dos moradores do Mimoso do Oeste), no galpão de palha erguido pela comunidade com o objetivo de a comunidade ter um espaço para se reunir, celebrar casamentos, velório e até as decisões sobre a emancipação do município foi realizado no galpão, que pegou fogo por três vezes, sendo que a primeira vez o fogo foi colocado por um andarilho que passava por perto, e as outras duas vezes não se sabe como foi. Hoje fico triste, vendo o quanto esta associação foi importante para o povoado, estar nas mãos de poucas pessoas e sem atuação para a população.

Acho que não posso me queixar da vida, formei três filhos todos com nível superior, então posso dizer que aqui eu consegui vencer. (Erni Trentini, um dos membros a compor a diretoria da AMMO, entrevista escrita, realizada em outubro de 2014)”.

“Compramos a fazenda em junho de 1979, e em janeiro de 1980 viemos em definitivo para a região. Viemos com o objetivo de desenvolver com a agropecuária, pois as terras eram planas

Encontramos muitas dificuldades, lá no sul contávamos com certo conforto, e aqui não havia nada, a não ser o bar do negão que vendia pinga e gasolina em tambor e fornecia refeições com carne de caça. Não existia nem o posto de combustível quando chegamos à região e tudo dependia de Barreiras e de Taguatinga, em muitas vezes também não encontrava as peças para reposição das máquinas.

Logo no início financiamos um projeto de irrigação através do governo federal chamado de provarzea, plantando arroz. Por falta de água, a plantação adquiriu uma doença, pois a terra era muito arenosa. Tivemos então de fazer um poço manualmente dentro do brejo, correndo o risco de sucuru nos atacar, tudo isso para salvar o arroz, de duas em duas horas tinha que ir até o brejo para abastecer o motor da bomba. Tínhamos dificuldade com a mão de obra, pois não havia qualificação e aqui não havia o costume de lidar com lavoura, não conheciam sobre produção. Moramos embaixo de um pé de pequi, em um barraco feito em lona. Só depois de algum tempo é que construímos o primeiro galpão de palha feito pelos ribeirinhos, o Sr. Conrado, um dos ribeirinhos que ajudou a construir o galpão.

Os lobos viam comer as galinhas no galinheiro e eu muitas vezes sozinha tinha que expulsa-los, eles uivavam bem próximo ao barraco feito de madeira e coberto de palha. Quantas vezes nos deparamos com as cobras, eu e a tia Emilia à noite tínhamos que espalhar alho amassado por todo o barracão para evitar que elas entrassem.

Na época os baianos eram desconfiados, nos achavam diferentes, mas com o passar do tempo aprenderam a lidar com a terra e com equipamentos como agente, hoje, tem muitos baianos com grandes plantações de soja.

Aqui não havia tempo livre, o que existia era muito trabalho, não tínhamos lazer, não havia sábado, domingo e feriado. Muitas vezes o dinheiro ficava curto, a dispensa vazia muitas vezes tinha que caçar para poder nos alimentar. Com o passar do tempo as coisas foram melhorando e começamos a frequentar o CTG, nossa filha foi a primeira prenda no segundo Sarau de Prenda realizado durante os festejos do CTG. Acertamos na loteria, o dia em que viemos para a Bahia (Alzira Olga Schlosser, entrevista escrita em outubro de 2014).

### **3. ASPECTOS CULTURAIS.**

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significações das coisas. O inverso também pode ser considerado verdadeiro, uma vez que os esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau os significados são reavaliados na prática. Assim, as pessoas organizam seus projetos e dão sentidos aos objetos, partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural (SAHLINS, 1999 p. 07).



A soma dos conhecimentos que vieram na bagagem e a nova situação encontrada geraram os fatos que foram se fazendo história, desenvolvendo a cultura local. Ao mesmo tempo os imigrantes foram escrevendo a história a partir das práticas e representações culturais.

Os agricultores, na medida em que foram expandindo seus empreendimentos, foram contratando funcionários para o trabalho nas fazendas. Para esta tarefa algumas famílias vieram dos estados do sul do país, outras são provenientes de cidades como Barreiras, Irecê, Baianópolis, Jacobina, Central e outras do estado da Bahia. A proximidade geográfica com o atual estado do Tocantins facilitou a contratação de funcionários deste estado, vindo das cidades de Taguatinga, Ponte Alta, Novo Jardim, Aurora, dentre outras.

Foi assim que a população passou a conviver com mais este processo de transformação cultural. O convívio de hábitos e costumes diferentes tornou-se natural. As contribuições culturais foram se permeando, sofreram modificações até no uso de vocabulários típicos de uma ou de outra região.

As representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Em cada caso é necessário o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são discursos neutros, justificam aos próprios seres humanos suas escolhas e condutas.

As lutas de representações culturais tem tanta importância quanto às lutas econômicas, para ser compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio. As práticas culturais como a presença do CTG, visam fazer reconhecer uma identidade social, uma maneira própria de está no mundo, marcando através da história a existência do grupo.

#### **4. PESQUISANDO A REALIDADE**

Segundo Paulo Freire, um dos problemas com que nos confrontamos quando procuramos conhecer uma dada realidade, seja de área urbana ou rural, é saber em que realmente consiste a realidade concreta. Esta realidade é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmo. “Ela é todos esses fatos e todos esses dados mais a percepção que deles esteja tendo a população envolvida” (FREIRE apud BRANDÃO, 1981, p.35)

Conforme nos explica Brandão (1981) do lado do mundo das culturas de gentes pertencentes a classes populares que habitam as comunidades indígenas, rurais ou vivem nas periferias urbanas, cada vez mais surgem perguntas que os próprios cientistas muitas vezes esqueceram de fazer. Perguntas de pessoas reais, muito mais do que categorias abstratas de “objetos”, que através de práticas e vivências descobrem a necessidade de serem sujeitos, tanto do ato de conhecer de que têm sido o objeto, quanto na transformação do conhecimento e do mundo que procura torná-los objeto.

Para BRANDÃO (1981, p.11), conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua própria história. Aprender a reescrever a história através da história. Ter no agente que pesquisa uma espécie que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles que para quem a pesquisa participante pretende a ser um instrumento a mais de reconquista popular, onde afinal pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes.

Paulo Freire sugere caminhos e direções de pensamento sobre questões de estratégia e prática de trabalhos de investigação da realidade social, como base para um trabalho imediato de educação. Não se pode abandonar a contribuição verdadeira que a ciência tem produzido, mas o trabalho coletivo de produzir conhecimento é fundamental para valorização das qualidades que o saber popular contém. (FREIRE apud BRANDÃO, 1981).



Município de Luís Eduardo Magalhães – 2003 (Foto Vespa).

## 5. O MUNICÍPIO QUE MAIS CRESCE

O futuro plantado com o suor dos rostos claros dos pioneiros sulistas que chegaram de mala e cuia pertence a todos. Assim como a riqueza gerada que deve crescer ainda mais. Os duros tempos, quando os velhos tratores viravam a terra sem saber dos resultados, foram deixados para trás, mas não esquecidos. Na verdade, são motivos de orgulho, pois provaram que os ensinamentos dos avós europeus, com sua cultura apoiada no trabalho, na disciplina e na organização, foram consistentes. Com o tempo, talvez se consiga unir na região a disciplina e o amor ao trabalho dos sulistas, com a alegria e o gosto pela vida dos nordestinos em geral. A criação desta nova mentalidade, menos massacrante, vai caber às novas gerações”. (A Saga Dos Pioneiros P.111)

Responsável pela nova cultura cuja identidade nasce de uma multiplicidade de cultura, gaucha, nordestino, mineiro, mato-grossense, paulista trazendo hábitos culinários, linguagens puxadas das palavras, ao modo de vida rural-urbano que nasce com o agronegócio.

Possui uma extensão geográfica de 4.018 km<sup>2</sup>, localizado na região Extremo Oeste Baiano, no Estado da Bahia, com município limites: Barreiras São Desidério e Estado do Tocantins. Dados do IBGE apontam o município com uma população aproximada de 78 mil habitantes, com uma densidade demográfica de 18,18 hab./km<sup>2</sup> e clima tropical semi-úmido.

Hoje, o pequeno núcleo fundado em 1980, no cerrado infértil por sulistas, no entroncamento das BRs-242/020, é o celeiro de grãos e se transformou num rico município. O que continua igual para os sulistas e seus descendentes, que hoje são minoria, são as suculentas churrascadas regadas a muita cerveja, o chimarrão passado de mão em mão pela manha e à tarde, os festejos da Semana Farroupilha, além das festas animadas do CTG Sinuelo dos Gerais, que congrega a todos.

Possui a quinta maior economia do estado da Bahia, sua região é responsável por sessenta por cento da produção de grãos do estado, sua renda *per capita* é uma das maiores do Brasil. O parque industrial é composto por empresas líderes em seus segmentos, inclusive várias multinacionais. Entre as empresas pioneiras que se instalaram no município, temos a Cooperativa Agrícola de Cotia, a Ceval, indústria de esmagamento de soja, mais tarde incorporada pela Bunge Alimentos e também a Cooperativa do Oeste de Minas Gerais. Sua agricultura é pujante, diversificada e de grande produtividade, possuindo grandes áreas irrigadas. Sua pecuária é de alta qualidade tanto na área genética como tecnológica. No ano de 2007, entrou em funcionamento um grande e moderno frigorífico de aves e a fábrica de ração para sustentar os produtores integrados de mais de um milhão de aves por mês.

O município é um dos cinco do Brasil que sediam um dos maiores eventos de equipamentos de alta tecnologia destinados ao agronegócio, a Agrishow. Atualmente sedia o Bahia Farm Show, que teve a sua primeira edição na cidade de Ribeirão Preto, e conta entre outras com a de Rondonópolis (MT) e Cascavel (PR). Sua rede de hotéis é diversificada e suficiente, indo dos mais simples até o de categoria internacional. Seu comércio é suficiente para atender toda a demanda de seus habitantes, tanto na área de alimentos como produtos e implementos agropecuários e construção civil.

A cidade conta com a presença de agências do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Bradesco, Itaú e HSBC e Banco Santander.

Principais empresas da cidade: Grupo Coringa<sup>8</sup>, Galvani, Mult Grain, Brasil gás, Mauricea, Lojas Americanas, Lojas Novo Mundo, Topvel (Chevrolet), Buriti (Ford), Sanave (Volkswagen), Primavia (Fiat), Móbile (Iveco), Bunge.

## **5.1. A diversidade de manifestações e atividades culturais**

A diversidade cultural é muito forte, pois na formação da nossa gente a miscigenação dos povos que vierem do sul, do centro Oeste e do Norte do Brasil, encontrou os nordestinos que aqui viviam acrescidos dos que para cá se deslocaram dando início ao embrião da nossa cultura. A secretaria de Cultura e Turismo do município desenvolve projetos culturais, incentivando a participação da população, que tem prestigiado cada vez mais a cultura do teatro. A exemplos das apresentações: oficina de teatro - projeto teatro no cangaço dos territórios, projeto teatro no cangaço dos territórios, com a peça chegada de lampião no céu e no inferno, com a participação de cerca de mil pessoas na praça central onde o público principal foi famílias.

“Construção de significados culturais, sociais e econômicos que são internalizados pelos próprios membros que fazem parte do Toda cultura passa por processos de grupo ou sociedade e por meio deles vão construindo a sua identidade. A cultura atua como fermento do desenvolvimento, pois é ela que gera e transmite os valores de geração em geração, tornando necessário conhecer a realidade cultural de um grupo social local em profundidade, porque é a identidade cultural que rege a ‘permanente evolução dos sentimentos e das maneiras de perceber as coisas que caracterizam todas as comunidades em um momento dado’”(HERMET, 1999, p.16)

### **5.1.1. Retrôfolia**



Retrôfolia 2014. (ASCOM).

Esse é o nome do carnaval cultural voltado para o público familiar, que acontece em Luís Eduardo Magalhães, na Praça Sérgio Alvim Motta, no centro da cidade. E tem como objetivo resgatar as origens do carnaval de rua.

A folia dos moradores é completa, com direito a cortejo do Rei Momo, Rainha do Carnaval, bandas de frevo, marchinhas, fanfarra e animadores.

No primeiro evento, ano passado, tivemos a participação diária de cerca de quatro mil pessoas.

### 5.1.2. Aniversário da cidade 2014



Aniversário de emancipação política de LEM. (ASCOM).

Comemorado nos dias 28 e 29 de março, com festejos na praça de eventos do Bairro Santa Cruz, com apresentações culturais e musicais, com apresentação da Orquestra Municipal, de artistas locais, regionais e de renomes nacionais, levando ao local público superior a 20 mil pessoas.

### 5.1.3. Paixão de Cristo

Apresentação teatral, Paixão de Cristo, com atores locais, originados das oficinas de teatro da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo realizado na Praça da Bíblia no Bairro Santa Cruz.

### 5.1.4. FELEM

É uma feira paralela à Bahia Farm Show, envolvendo os pequenos empreendedores e que funciona a partir das 18 horas do mesmo período, com atrações culturais e barracas para comercialização de produtos e alimentação.

### 5.1.5. São João do Santa Cruz



São João da Santa Cruz 2014. (ASCOM).

Festa que obteve no ano de 2013 a declaração da Bahiaturisa como evento de caráter tradicional e notório conhecimento popular, realiza-se em pelo menos três dias e noites na praça de eventos do Bairro Santa Cruz, com apresentações dos grupos culturais locais e das

bandas de forro, com um público aproximado de mais de 50 mil pessoas nas três noites para assistir principalmente ao torneio de quadrilhas mirim e adulto.

### 5.1.6. São Pedro

Realizado na Praça Sergio Alvim Motta, no dia 29 de junho com apresentações culturais que mostrou um pouco da diversidade cultural que compõe nosso município. Com a participação das quadrilhas juninas, grupo de dança do Centro de Tradições Gaúchas (São Pedro é o padroeiro do Rio Grande do Sul), barracas com comidas típicas, evento que conta com um público estimado em 1.500 pessoas.

### 5.1.7. Festival de Gastronomia e Cultura do Oeste da Bahia



Festival Gastronômico 2014. (ASCOM).

Lançado oficialmente no dia 9 de julho de 2014, o Festival de Gastronomia e Cultura do Oeste da Bahia, uma realização da prefeitura de Luís Eduardo Magalhães, ACELEM, SEBRAE em parceria com a chefe de cozinha Rosa Gonçalves, pesquisadora da gastronomia de raiz da Bahia.

No evento foi explicado ao público o conceito do festival que une gastronomia com agricultura familiar, piscicultura e contou também com uma feira de empresas produtoras de

alimentos e organizações de economia solidária. O Festival de Gastronomia e Cultura do Oeste da Bahia com sua primeira edição realizado no Centro de Eventos Nossa Senhora Aparecida de 15 a 18 de outubro de 2014.

Luís Eduardo Magalhães tem uma cultura diferente, são povos do sul e nordeste que predominam, acredito que vamos conseguir criar pratos bem diferentes. Os chefes que virão de Salvador já estão criando pratos com a realidade do oeste”, observa a chefe Rosa Gonçalves, lembrando que o lançamento contou com a presença do chefe, Clodomiro Tavares da Capital de Salvador.

O evento contou com a participação de 17 chefes de cozinha de diferentes estados da federação (São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, além da Bahia, o evento contou também com a participação de um chefe de Luís Eduardo Magalhães), e com a participação de 45 estudantes de gastronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ensinando técnicas e pratos diferentes de um cardápio tradicional. O objetivo do festival foi desenvolver pratos da alta gastronomia com produtos regionais, a exemplo do desenvolvimento de um prato tendo como base a castanha do pequi e o lançamento dos biscoitos da Associação Caliandra que são produzidos a base de frutas e sementes de plantas nativas do cerrado. O evento também contou diariamente com apresentações culturais locais e regionais organizadas pela secretaria municipal de cultura e turismo do município.

#### **5.1.8. Etapa final do Campeonato Nacional de Planadores**

O município de Luís Eduardo Magalhães é reconhecido dentro e fora do país pela agricultura de alta tecnologia e pelo crescimento acelerado. No entanto, o fato da cidade oferecer as melhores condições climáticas e estruturais, esta entre as cinco melhores localidades no mundo para a prática do campeonato de vôo a vela, o qual motivou a Federação Brasileira de Vôo a Vela (FBVV) a trazer para o município a excelência da prática deste esporte para a realização do 55º Campeonato Brasileiro de Planadores, entre os dias 29 de setembro e 12 de outubro de 2013, com pilotos que vieram da Europa e de alguns países da América do Sul.

Para o ano de 2015, a meta é termos aqui, uma etapa do campeonato sul americano de planadores servindo de balão de ensaio para em três ou quatro anos, ter uma etapa do mundial.

#### **5.1.9. Cultura Viva na Praça**





Teatro na praça. (ASCOM).

Mostra para a população dos trabalhos realizados nas oficinas artísticas e culturais da Secretaria, sendo implantado de maneira itinerante. Inserimos o Cultura Viva na Felem, nos bairros, no Assentamento Rio de Ondas. Com o objetivo também de inserir na sociedade os jovens que poderiam ser levados para as drogas e a oportunidade de descobrir e apoiar novos talentos.

Em cada etapa atingimos público superior a duas mil pessoas.

#### **5.1.10. Encontro Regional de Cultura do Oeste Da Bahia**

Nos dias 4 e cinco de outubro de 2013 o município teve a oportunidade de conhecer os trabalhos realizados pelas comunidades dos treze municípios que compõem o Território de Identidade que Bacia do Rio Grande. O primeiro Encontro Regional de Cultura do Oeste da Bahia foi realizado na cidade de Luís Eduardo Magalhães, numa iniciativa da Prefeitura de Luís Eduardo Magalhães, através da SMCT e UMOB - União dos Municípios do Oeste da Bahia.

Durante os dois dias do evento aberto ao público, na praça central, Sergio Alvim Motta aconteceram ainda palestras que promoveram a cultura e cidadania. O objetivo foi implementar ações que liguem esses segmentos de forma democrática, favorecendo o

envolvimento dos diversos setores da sociedade, transformando os conceitos de cultura e política em fatores de desenvolvimento socioeconômico.

Constou ainda na programação, apresentações culturais desenvolvidas pelas comunidades convidadas. Uma mostra da produção audiovisual e uma exposição dos trabalhos artesanais desenvolvidos pelos municípios.

#### **5.1.11. Natal Iluminado**

No dia 7 de dezembro, comemora a chegada do Papai Noel no município, que recebe a chave da cidade, iluminando ruas e praças. O brilho fica por conta da apresentação do coral municipal acompanhado da orquestra municipal, ambos os projetos desenvolvidos pela SMCT no início do ano de 2013, o teatro natalino, com a peça “O Auto de Natal”, o desfile de personagens natalinos e o trenzinho do Noel, com público estimado em duas mil pessoas por noite. Dos dias 14/11 e 25/11 a população de Luís Eduardo Magalhães poderá ter acesso a apresentações teatrais natalinas e culturais em diversos bairros da cidade e zona rural.

#### **5.1.12. Réveillon**

A virada de ano ocorre também na praça central, Sérgio Alvim Mota com um público estimado em mais de 20 mil pessoas com apresentações culturais e de artistas nacional, local e regional.

#### **5.1.13. Festa da Colheita**

E o momento que por meio dos frutos do trabalho humano (tão abundante nesta época: milho, soja, algodão, frutas, café, feijão, etc...) e da generosidade da natureza, agradecer a Deus por tamanha magnitude, por reconhecer o quanto somos ricos e fortes, por poder plantar e colher, realizado todos os anos pela igreja católica.

Outras festas religiosas são: São José, Padroeira Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio, São Pedro, Semana Santa chamam a atenção pela realização da via sacra. Na sexta-feira santa é apresentado, em praça pública, envolvendo dezenas de pessoas na sua produção, o espetáculo que conta a morte e ressurreição de Jesus Cristo Uma demonstração da presença forte da cultura do vaqueiro é a cavalgada evento desportivo, que consiste em uma caminhada, onde os vaqueiros montados a cavalo, desfilam pelo Assentamento Rio de Ondas

(desfile festivo de vaqueiros). No mês de setembro ocorrem as comemorações em homenagem à emancipação política do município de Luís Eduardo Magalhães.



Igreja Nossa Senhora Aparecida - 1991.(Jacob Lauck).

Na cidade, mais que em outra parte, desenvolvem-se, na prática, os relacionamentos entre identidades, e na teoria, a dimensão relacional da identidade. Por sua vez, esses relacionamentos “trabalham”, alterando ou modificando os referentes dos pertencimentos originais (étnicos, regionais, etc.). Essa transformação atinge os códigos de conduta, as regras da vida social, os valores morais, até mesmo as línguas, a educação e outras formas culturais, que orientam a existência de cada um no mundo. Dito de outra forma, o processo identitário, enquanto dependente da relação com os outros (sob a forma de encontros, conflitos, alianças etc.), é o que torna problemática a cultura e, no final das contas, a transforma.

## **6. SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO**

A secretaria municipal de cultura e turismo adquire em novembro de 2014 um prédio, com um mil e setecentos metros quadrados de área construída para a implantação do espaço de convivência, de oficinas artísticas e culturais próximo a BR 020/242 no Bairro Santa Cruz com inauguração prevista para janeiro de 2015.

Esse novo espaço terá condições de receber um público alvo aproximado composto de 1.200 crianças e adolescentes, estimando um resultado significativo em melhoria do rendimento escolar, prevenção da vulnerabilidade social, resgate e fortalecendo a identidade cultural através das danças (folclóricas, regionais e jazz), capoeira, Teatro, aula de Violão,

música, Orquestra Filarmônica como também nas atividades oferecidas no CEUs (Centro de Artes e Esportes Unificados).

## 7. REFERENCIAS PARA A CULTURA DO MUNICÍPIO.



Primeira sede CTG Sinuelo dos Gerais – 1996. (Roberto Fontana).

A comunidade que se instalou nos Gerais, trouxe na bagagem suas raízes adquiridas nos Estados do Sul do país. Entre elas, o costume de tomar chimarrão e danças gauchescas – o folclore gaúcho. Por isso, logo após comprar suas terras, plantar as lavouras e organizar escolas e igrejas ao seu redor, os migrantes providenciaram a construção de um centro de tradições gaúchas. Saudosos dos pagos sulinos e com o intuito de preservar o tradicionalismo gaúcho, além de propiciar um ambiente agradável para as famílias se encontrar e ocupação para os filhos, foi fundado em 11 de janeiro de 1991, no povoado de Mimoso do Oeste, o CTG Sinuelo dos Gerais.

Durante a comemoração da Semana Farroupilha nos Gerais, como acontece em todos os pontos do país onde existem CTGs, há tropel de cavaleiros conduzindo a crioula, fandangos, apresentações artísticas e campeiras, além de competições de laço e, e claro, um bom churrasco.

Por não existir um mapeamento de seu patrimônio cultural torna-se difícil a localização de grupos ou mesmos agentes culturais no município. Sabe-se que existem, entretanto, não é possível levantar suas atividades atuais, como sobrevivem e o que pensam sobre a gestão da cultura. Existe no município grupos culturais nordestinos associação de capoeira liderada pelo mestre Carlinhos, Grupo de Teatro J Fênix, a principal queixa é a falta de espaço adequado para a realização dos espetáculos.

Existe a presença de forrozeiros e grupos que representam os mais diversos estilos musicais, tais como forró, pagode, trios de sanfoneiro, etc. Mesmo com essa diversidade, não existe uma produção musical com a identidade desses grupos, há apenas repertórios que ressoam as solicitações do público, reproduzindo o trabalho de músicos de outras regiões. No município existem grupos como a Banda Moleque Travesso, Léo e Lian, João Pedro, Nando e Lucas, Ganso da Sanfona, entre outros.

De acordo com Tönnies (1973), nas relações comunitárias prevalece a confiança e a intimidade, fazendo com que um se sinta próximo do outro como um organismo vivo, sendo a essência da comunidade. A vida real, com a predominância do sentimento do pertencimento a um grupo, “o nós”, como parte integrante dessa relação se torna uma das características fundamentais na formação de uma comunidade. “As relações de interação levam conseqüentemente a uma associação de seus membros que pode ser compreendida como a vida real, uma das essências da comunidade” (TÖNNIES, 1973, p. 96).

A cultura do município também se manifesta no artesanato, em que matérias-primas extraídas de maneira sustentável com sementes do cerrado, o capim dourado através da Associação Caliandra no Assentamento Rios de ondas, onde são transformados em objetos decorativos, como as cestas de capim dourado, como os anéis, pulseiras e colares confeccionados com sementes variadas do cerrado: buriti, sucupira, jatobá, aproveitamento em retalhos, bordado, cestas / trançado, flores, madeira, crochê, tricô, pintura em tecido, palha entre outros.

A cultura gastronômica também apresentada através da diversidade de pratos: aqui o tradicional churrasco gaúcho é servido com cucas, saladas, maioneses e agora se mistura com o torresmo, a carne-de-sol com uma pitada de pimenta.

“A lúdica, na colônia de sociedades teutas (formada por descendentes de imigrantes alemães), foi bastante exercitada, criando-se bandas, sociedades de canto, tiro-ao-alvo e bolão. Ainda hoje, realizam-se festas já transculturais: kerb, ocuberfest, rei do tiro. A alimentação embasa-se em carne de porco e batatas, incorporando-se, os costumes gaúchos, a cerveja e o café colonial. Este composto de vários tipos de pães, cucas, tortas, salgadinhos, embutidos, schmier, mel, queijos, kaseschimier, nata e etc. A colonização é a responsável pela introdução da árvore de natal e dos ninhos de páscoa (MARQUES, 1995 P. 18)”.

### **7.1. Espaços e Grupos culturais existentes no município.**

No município não existe um centro cultural específico, porém as apresentações culturais são feitas em praças públicas, quadras esportivas e auditórios privados. A secretaria municipal de cultura e turismo, além do centro administrativo dispõe de espaços culturais para o desenvolvimento de oficinas artísticas e culturais.

O município conta também com um CEUs, (Centro de Arte e Esporte Unificados) onde desenvolvem leituras e pesquisas em sua biblioteca e um cine teatro, onde são oferecidos oficinas de teatro, música e cinema. Equipamento estruturado como um projeto intersecretarias em 2013. Une educação, cultura, esporte e lazer.

O CEUs de Luís Eduardo Magalhães tem cumprido seu papel como um espaço de inclusão social, troca, convivência e cidadania.

Existe a proposta indicado pelo Conselho Municipal de Cultura da construção de um centro de convivência, o qual receberá as manifestações culturais em respeito à diversidade local.

### **7.2. Existência de informações / banco de dados e ou diagnóstico cultural local.**

O município de Luis Eduardo Magalhães não possui um ordenamento das informações sobre a sua formação nem sobre sua origem oficialmente. Não existem pesquisas locais, ou mapeamento das manifestações e expressões artístico-culturais.

### **7.3. Situação da capacitação e competência de agentes culturais, artistas, produtores e gestores culturais.**

Segundo Hamilton Faria, a cultura é a alavancadora do processo social, fomentando a discussão e integração das partes, dando consciência a um cenário mais amplo. Para ele, o desenvolvimento local vai de encontro aos valores de pensar, criar, agir, imaginar e sonhar a liberdade, e, definitivamente, sem qualquer desses valores não há um pleno desenvolvimento. É dela que emanam propostas que resgatam a criação da identidade, envolvendo grupos sociais, mapeando a cultura e buscando raízes dentro do território. A Cultura é a impulsionadora do desenvolvimento local, pois fornece qualidade de vida.

O município tem buscado propostas para qualificação de artistas ou de produtores culturais. Existe muito pouca participação de proponentes no município em editais estaduais

do Fundo de Cultura da Bahia, podendo ser um indicador da carência de pessoas qualificadas para elaboração e gestão de projetos.

#### **7.4. Meios de comunicação para divulgação da cultura local.**

Existem no município duas rádios comunitárias, uma rádio FM privada e uma rádio AM, onde artistas e comunidade encontram espaços para divulgação da cultura local. Além disso o município conta com jornais locais e regionais, redes regionais de TV aberta, Internet, blogs e redes sociais além das divulgações feitas através de carro de som.

### **8. GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM LUÍS EDUARDO MAGALHÃES**

Hoje, o Brasil vive um momento histórico nas políticas culturais, achamos que novos paradigmas estão sendo criados no âmbito das decisões do poder público. A partir de 2002, através da gestão do Ministro Gilberto Gil, uma nova ação procurou implantar políticas culturais, através do Sistema Nacional de Cultura, que trabalhem as três esferas de poder, os governos federal, estatal e municipal.

Mas, apesar destas influências, muito ainda deve ser mudado para que Brasil seja um país que reconheça realmente seu potencial cultural e o utilize para o desenvolvimento. No cenário nacional vivenciamos a democratização dos recursos públicos de apoio à produção cultural, que antes eram centralizados na região sudeste de Brasil e agora têm cotas para as regiões definidas por lei; a criação de um Sistema Nacional de Cultura onde as instituições culturais públicas e privadas podem trabalhar em colaboração; a realização de estudos da economia da cultura no país; o estímulo à sociedade civil a organizar-se e à discussão de políticas para o desenvolvimento cultural, bem como outras muitas iniciativas importantes para o desenvolvimento na gestão da cultura. Ainda que as ações sejam muito importantes no contexto Brasil, precisa-se de tempo para uma verdadeira mudança na realidade da gestão pública da cultura nos municípios. A maior parte das cidades, pequenas e de baixo índice de desenvolvimento social, mantém as práticas de valorizar as áreas que recebem mais recursos financeiros do governo federal, como educação e saúde, relegando o tema de cultura a um segundo ou terceiro plano.

Como em Botelho (2001): “Não se pode esquecer que a área da cultura tende a ser vista como acessório no conjunto das políticas governamentais, qualquer que seja a instância administrativa. Quase sempre são os militantes da área cultural (criadores, produtores, gestores, etc.) os únicos a defender a idéia de que a cultura passa obrigatoriamente todos os aspectos da vida da sociedade e de que, sem ela, os planos de desenvolvimento sempre serão incompletos e, como alguns defendem destinados ao fracasso.” (Botelho, 2001:76)<sup>6</sup>

Defendemos através deste estudo que a política cultural numa gestão municipal pode ir muito além do intuito de entretenimento, de desenvolvimento econômico ou ainda estritamente cultural, e focar os âmbitos político e social de uma forma integrada, como uma ampliação do entendimento do que é a função da gestão cultural numa sociedade, como afirma a UNESCO (2006): “(...) a relação entre cultura e desenvolvimento vai bem mais além dos aspectos econômicos; o que significa um desafio ainda maior para a medição e monitoramento do impacto das ações concebidas. (UNESCO, 2006:43)<sup>7</sup>

Apesar de não haver registros que comprovem, no município de Luís Eduardo Magalhães de 2000, época de sua emancipação até meados de 2008, a cultura era vista basicamente como promoção de eventos e entretenimento, sem nenhum incentivo ou apoio aos artistas locais e no desenvolvimento da cultura do município

No Princípio 7, da Agenda 21 da Cultura, as cidades e espaços locais são considerados o ponto principal para o desenvolvimento cultural e humano: “As cidades e os espaços locais são um marco privilegiado da elaboração cultural em constante evolução e constituem os âmbitos da diversidade criativa, onde a perspectiva do encontro de tudo aquilo que é diferente e diferente (procedências, visões, idades, gêneros, etnias e classes sociais) faz possível o desenvolvimento humano integral. O diálogo entre identidade e diversidade, indivíduo e coletividade, revela-se como a ferramenta necessária para garantir tanto uma cidadania cultural planetária como a sobrevivência da diversidade lingüística e o desenvolvimento das culturas.

### **8.1. Fomento e financiamento da cultura local**

Como toda política pública, as políticas culturais também necessitam prever, em seu planejamento, as suas fontes e mecanismos de financiamento. No entanto, é a clareza quanto às prioridades e às metas a serem alcançadas em curto, médio e longo prazo que possibilitará



a escolha de estratégias diversificadas e adequadas para o financiamento das atividades artísticas e culturais.

Hoje a secretaria de cultura do município deixou de ser departamento de cultura, passando a gerir seus recursos, inclusive utilizando o fundo municipal de cultura voltado especificamente para ações culturais.

## **8.2. Implantação do Plano Municipal de Cultura de LEM**

Os planos territoriais de cultura contemplam as necessidades regionais e locais e colaboram para que estados, municípios e distritos atinjam as metas do PNC. Ao aderir ao SNC, cada um desses entes federados deve elaborar um documento de planejamento para o período de dez anos.

O município de Luís Eduardo Magalhães, em março de 2013, aderiu ao SNC e hoje participa do curso de formação para os Planos de Cultura, em que poder público e sociedade civil participa dessa formação.

Assim, para que a construção de uma política cultural local seja possível e atenda às expectativas da população, e suponha um avanço no desenvolvimento cultural e total da cidade, é necessário conhecer suas realidades e estimular a participação cidadã nas decisões. Ao falar aqui de cidadãos não falamos especificamente dos nascidos na localidade, senão dos que vivem que participam de uma forma permanente ou temporária na vida da cidade, como um espaço de criação, através dos quatro elementos descritos por Martinell (2003)<sup>18</sup>: criatividade, informação, trabalho em rede e coesão social.

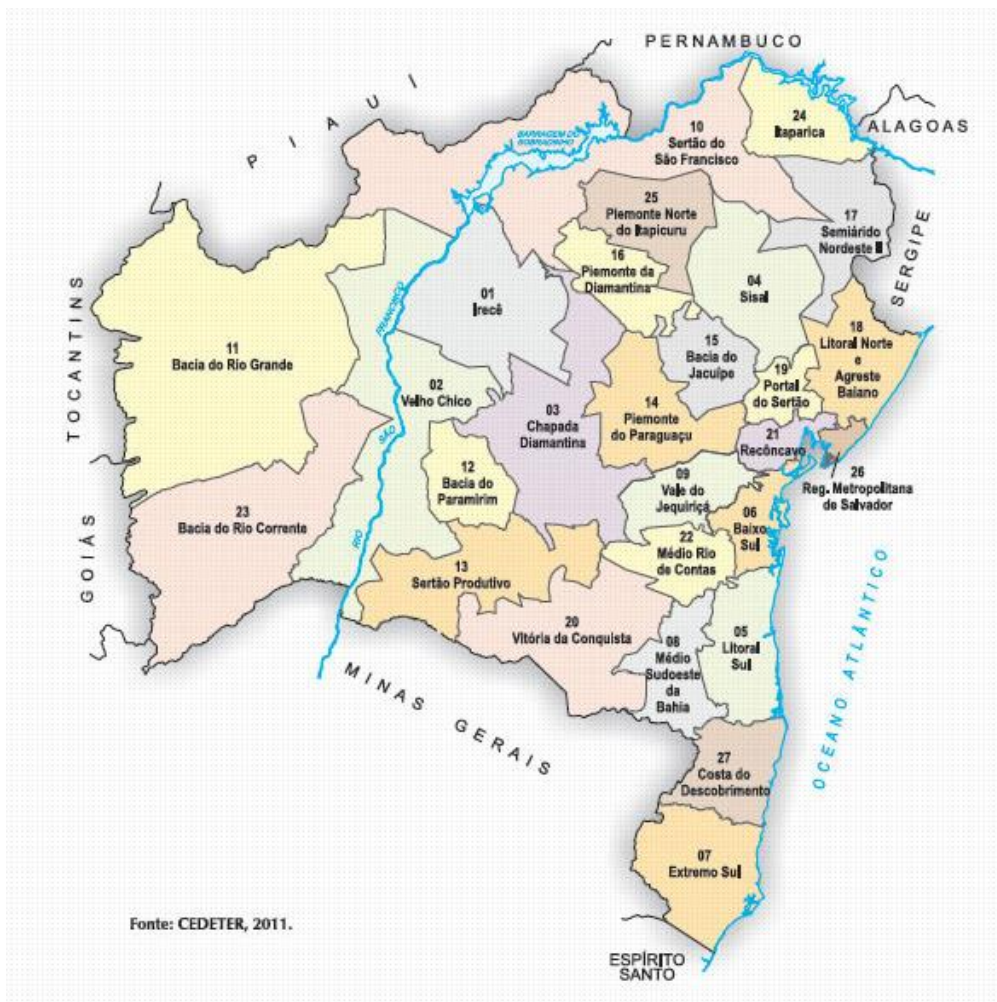
## **8.3. Desdobramentos no Território de Identidade Bacia do Rio Grande**

Um novo padrão de regionalização foi implantado no Estado da Bahia. Utilizando o conceito de territórios de identidade. Território é aqui entendido como a base geográfica da existência social, espaço simbólico em que a população constrói a sua identidade, exprime sentimentos de pertença e cria seu patrimônio cultural. Esta regionalização deverá orientar a formulação de políticas públicas democráticas na área da cultura, descentralizando as tomadas de decisão, consultando a sociedade civil e criando instâncias intermediárias entre o poder municipal e o estadual.

Inspiração no governo federal, busca a descentralização das tomadas de decisão, com a criação

de instâncias intermediárias entre o poder municipal e o estadual, bem como o fortalecimento da sociedade civil. A implantação de políticas públicas de cultura significa que são políticas que podem emanar do governo, mas que, ao passarem pelo debate crítico com a sociedade civil, são traduzidas em políticas públicas. (Rubim, 2008)

Com o objetivo de identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões, o Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. Sua metodologia foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades, através de suas representações, foram convidadas a opinar.



### BACIA DO RIO GRANDE

- Baianópolis
- Barreiras

- Buritirama
- Catolândia
- Cotegipe
- Cristópolis
- Formosa do Rio Preto
- **Luis Eduardo Magalhães**
- Mansidão
- Riachão das Neves
- Santa Rita de Cássia
- São Desidério
- Wanderley

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento só pode prosperar quando está fundamentado na cultura e nas tradições de um povo ou coletividade, porque é um processo vinculado aos valores de cada sociedade e que exige ao mesmo tempo uma participação ativa das pessoas e indivíduos que são os autores e os beneficiários do mesmo.

A cultura pode ser um instrumento formidável de progresso econômico e social, o desenvolvimento local necessita levar em consideração “a identidade cultural nas estratégias de desenvolvimento local, deslocando o eixo do econômico para o bem estar e satisfação das necessidades humanas e, por conseqüência, melhoria da qualidade de vida, a partir do protagonismo dos agentes locais”. Sendo o desenvolvimento local um processo de transformação social, cultural, econômica e política, passa a adquirir dimensões maiores do que imaginamos e que se apresentam de forma complexa e dinâmica dentro de uma realidade local e global. É importante ressaltar que o ser humano passa a ser o agente principal do desenvolvimento através da sua participação direta e ativa. Esse desenvolvimento ocorrerá efetivamente a partir do momento que se tomar consciente da importância como sujeito da sua própria história e da capacidade de poder influenciar o seu entorno, ao desvelar as suas capacidades, competências e habilidade de se organizar a partir das suas limitações geofísicas.

Entendemos a política cultural como parte das políticas públicas e que para o âmbito estudado seria a difusão e o acesso à cultura pelo cidadão. E, apesar da expressão “políticas públicas” possuir diversas conotações, genericamente, Simis (2007, p.133) definiu que: “[...] se trata da escolha de diretrizes gerais, que tem uma ação, e estão direcionadas para o futuro, cuja responsabilidade é predominantemente de órgãos governamentais, os quais agem almejando o alcance do interesse público”.

O próprio Ministério da Cultura defende um conceito amplo da cultura, considerando-o não só em sua dimensão antropológica, mas também na dimensão simbólica da existência social brasileira e todas essas formulações, extraídas do discurso do Ministro Gilberto Gil, refletem nas diversas ações e programas implementados pelo Ministério e suas instituições.

Compreender as dimensões econômicas e políticas da cultura, considerando as transformações trazidas pelas novas tecnologias é essencial para a compreensão da formação do campo cultural hoje. Botelho (2007) compreende cultura como o conjunto dinâmico de todos os atos criativos de nosso povo, aquilo que, em cada objeto que um brasileiro produz,

transcende o aspecto meramente técnico. Cultura como “usina de símbolos”, espaço de realização da cidadania.

Portanto, cada esfera de governo deve absorver a relevância da cultura para a cidadania – a cultura ambiental, a cultura do trânsito, os valores culturais na saúde, a cultura alimentar, os processos de criação, difusão e consumo das artes e os valores éticos. Faria; Moreira (2005) entendem que se deve buscar uma “governança sensível aos processos culturais”.

Essas são as bases de uma política cultural em nível municipal a ser implantada em Luís Eduardo Magalhães, composta de:

Reformulação do conselho municipal de cultura, onde todos os segmentos da cultura local possa participar, com representantes também de nordestinos e sulistas, hoje essas duas culturas possui maior representação na formação cultural do município. Através de legislação específica, os Conselhos municipais de Cultura, constituem um dos pilares do Sistema Nacional de Cultura, implementado pelo Ministério da Cultura, garantindo a participação da sociedade na definição das políticas públicas de cultura. Os segmentos poderão ser representados por:

- a) Artesanato;
- b) Arte digital e audiovisual;
- c) Teatro;
- d) Artes visuais;
- e) Cultura Popular;
- f) Ponto de Cultura;
- g) Gastronomia;
- h) Música;
- i) Literatura;
- j) Dança;
- k) Circo;
- l) Agentes de promoção cultural, produtores, e outros interessados que venham a compor este Conselho.

Implantação do Plano Municipal de Cultura, que a partir da adesão do Município de Luís Eduardo Magalhães no ano de 2013 ao Sistema Nacional de Cultura (SNC), por força da celebração do pacto de cooperação representado através do protocolo de intenções, firmado

entre os Governos Federal e Municipal, que nasceu a proposta administrativa da gestão municipal em conceber um sistema interno de gestão da cultura que pudesse ser integrado às ações do sistema nacional. Os planos territoriais de cultura contemplam as necessidades regionais e locais e colaboram para que estados, municípios e distritos atinjam as metas do PNC. Ao aderir ao SNC, cada um desses entes federados deve elaborar um documento de planejamento para o período de dez anos.

Metas e ações que foram inseridas no PDU e apresentadas na Câmara Municipal durante a primeira audiência pública para o desenvolvimento do Plano Diretor Urbano, com o objetivo de desenvolver a cultura do Município de Luís Eduardo Magalhães, com uma visão para 30 anos. A reunião que aconteceu em agosto de 2014 contou com a participação de membros do Conselho Municipal de Cultura, de representantes dos segmentos culturais locais e representantes da Secretária Municipal de Cultura compondo de:

Implantação do Circuito Municipal de Arte e Cultura; Acesso aos bens culturais - música, teatro, cinema, literatura, dança, artes plásticas, circo, etc. Distribuição na parte interna do Circuito Cultural de obras de autores da cultura brasileira na literatura, música, cinema e demais artes. Bibliotecas que possa oferecer atividades à população, podendo funcionar também como fonte de acesso a CDs e filmes. Um centro cultural em cada bairro da cidade, composto de cines-teatro, espaços para dança, musica. Espetáculos e realizações artísticas para apresentações gratuitas à população. Um amplo acervo de cd's, dvd's e livros, da produção cultural brasileira, dotada de excelência e relevância, a disposição nesses equipamentos culturais. Apoiar e respeitar a vocação cultural dos bairros, de acordo com as identidades culturais de seus habitantes e transformar os centros dos bairros em locais de atividades culturais que propiciem a difusão das obras de artistas de rua e/ou da região. Nestes locais, apresentações de teatro, shows, ateliês abertos, serão realizadas; Criar a TV Municipal através de uma Fundação Pública, como ferramenta de complementar o acesso à informação e ao Circuito Municipal de Arte e Cultura. A Fundação Pública atuará também na faixa de rádio e internet, completando a criação do sistema de comunicação de massa da cidade. Voltados à informação, formação e divulgação da produção cultural. A TV Municipal de LEM dará maior estímulo e visibilidade à arte e à cultura, promovendo o desenvolvimento da economia criativa com o aumento das produções artísticas. Criar o Portal da Cultura para acesso digital aos bens culturais, incluindo filmes, música, livros, bibliotecas, museus, arquivos públicos e históricos da cidade. Criar editais que fomentem a cultura; Construção do Museu Municipal da Diversidade, Museu de Arte Sacra, Museu da Fotografia, Museu da Gravura Cidade de LEM, Observatório Cultural; Criar e Implantar o Sistema Municipal de Informações Culturais

(cadastro de artistas, técnicos, fornecedores e outros agentes culturais, mapeamento das expressões culturais da cidade); Programa de Universalização do Ensino de Música no Programa Comunidade Escola em parceria com a SME; acesso gratuito ao aprendizado da música; oferta de cursos da musicalização infantil, formação de coros/grupos musicais e/ou orquestras jovens em todos os bairros da cidade. Investir em conservação de museus, bibliotecas, e centros culturais.

Assim, para que a construção de uma política cultural local seja possível e atenda às expectativas da população, e suponha um avanço no desenvolvimento cultural e total da cidade, é necessário conhecer suas realidades e estimular a participação cidadã nas decisões. Ao falar aqui de cidadãos não falamos especificamente dos nascidos na localidade, senão dos que vivem que participam de uma forma permanente ou temporária na vida da cidade, como um espaço de criação, através dos quatro elementos descritos por Martinelli (2003)18: criatividade, informação, trabalho em rede e coesão social.

## 9. BIBLIOGRAFIA

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**, em São Paulo em Perspectiva. Brasil, vol.15 não. 2 São Paulo, 2001 UNESCO - [www.unesco.org.br/Brasil](http://www.unesco.org.br/Brasil). 2006.

MIGUEZ, Paulo. **Cultura e desenvolvimento**. 2010. Disponível em <https://plugcultura.wordpress.com/2010/07/27/cultura-e-desenvolvimento-por-paulo-miguez>.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L.: **Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**, Rio de Janeiro, Zahar 2000.

BOTELHO, I. **A política cultural & o plano das idéias**. In: RUBIM, A.; BARBALHO, A. (Org.). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 11-36.

CALABRE, L. **Políticas culturais no Brasil: balanço & perspectivas**. In: RUBIM, A.; BARBALHO, A. (Org.). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007a. p. 11-36.

BOTELHO, I. **A política cultural & o plano das idéias**. In: RUBIM, A.; BARBALHO, A. (Org.). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 11-36.

NASCIMENTO, Maria Hercília. **Descentralização, Diretoria de Estudos Sociais/IPEA**, 2002.

FONTANA, Luzia da Rosa. **Navegante do Cerrado: Fatos e Fotos de Fé e Coragem em Território Baiano**. Barreiras 2007. Documento não publicado.

---



